

Preço baixo desanima sojicultor

DF - Agricultura

16 MAR 1987

CORREIO BRAZILIENSE

Safra será generosa mas remuneração do produtor não paga os custos

ANA CLAUDIA BARBOSA
Da Editoria de Cidade

A colheita da soja no Distrito Federal começa em abril, e junto com ela irá aflorar a insatisfação do agricultor, que perdeu este ano seu maior comprador, o Governo. O preço mínimo fixado para o produto, Cz\$ 170, é outro ponto de revolta entre os produtores, que com os altos juros bancários a quitar sentem-se num beco sem saída e apostam para a safra 1987/1988 uma redução da área plantada, além da queda na qualidade dos produtos agrícolas.

Para que o agricultor recolhesse uma remuneração adequada, ele calcula o diretor da Cooperativa Agrícola da Região do DF (Coopa/DF), Elias Marchese. Com esse dinheiro seria possível pagar o custo da lavoura e os investimentos. Isso se recebesse agora, antes da inflação corroer o custo de vida. "Mas com o preço fixado ele vai apenas pagar o banco e não poderá reinvestir na terra", alerta. Esta seria a principal razão para a queda na área produtiva e na qualidade do grão.

Para maio já está acertada a exportação de 600 mil

sacas de soja das 4 milhões 400 mil a serem colhidas no DF e na região do Entorno, a Cz\$ 200 cada. Contudo, diz Marchese, esse preço não deverá permanecer por muito tempo. "Se o Governo não tomar novas medidas, o produto vai ser comercializado abaixo disso".

O diretor da Coopa/DF esclarece que o fato de o Governo se recusar a comprar a soja este ano estourou como uma bomba entre os produtores. Desanimados, eles acreditam que as indústrias aguardarão até o último momento para efetuar suas compras, esperando o preço da saca cair ainda mais. Embora a área plantada este ano tenha sido menor, a produção cresceu acima dos níveis registrados na safra 1985/1986, gerando uma grande oferta.

POLÍTICA

"A pior praga do Brasil é a falta de uma política agrícola, porque essa ninguém prevê, revolta-se Marchese ao responder à repórter se haveria algum jogo de interesse nessa situação. "Tem mais burrice que corrupção", completa. Ao desincentivar o plantio

da soja e oferecer melhores condições ao produtor de milho, o Governo criou um impasse: há uma ótima oferta de milho mas não existe armazém para estocá-lo.

Em 1986, quando a soja perdeu 8 mil hectares de área plantada, passando para 40 mil, o milho ganhou 7 mil, chegando a ocupar 13 mil hectares. Agora que a colheita do grão iniciou, estima-se atingir 800 mil sacas, que correm o risco de se estragar caso não haja lugar para estocá-la. "Há mercado para este milho aqui no Distrito Federal mesmo, mas ele não é comprado de uma só vez. A solução ideal seria escoar toda a soja imediatamente, criando espaço para o milho que precisa ser vendido à vista", sugere Marchese, médio produtor de soja.

Outro líder rural do DF que critica as ações do Governo, afirmando que "até agora não foi dado à agricultura o espaço político que ela merece", é Damião Souza Netto, presidente da Federação das Associações dos Produtores Rurais do DF. Segundo ele, o Brasil nunca teve uma safra como essa, porque os produtores foram amplamente incentivados. "Mas agora estou-

ram os juros e todo o trabalho feito é destruído", lamenta.

CUSTOS

Junto com o técnico da Emater, Elmar Vieira, Damião calculou os custos aproximados para um hectare de soja plantado e chegou aos seguintes dados: em insumos — adubos, sementes e defensivos (inseticidas e herbicidas) — o agricultor gastaria Cz\$ 2 mil 280; em serviços mecânicos — preparo do solo (aração e gradagem), plantio, tratos culturais e colheita — do solo (aração e gradagem), plantio, tratos culturais e colheita — seria preciso desembolsar mais Cz\$ 2 mil 60.

No DF em um hectare é possível colher cerca de 33 sacas de soja, que vendidas ao preço mínimo fixado pelo Governo geram ao produtor Cz\$ 5 mil 660. Retirado os gastos, Cz\$ 4 mil 340, sobram ao agricultor Cz\$ 1 mil 320 do qual ele ainda precisará descontar o secamento do grão, transporte para o local de venda, armazenagem e, principalmente, o dinheiro a ser pago ao banco pelo empréstimo feito no início do plantio. Está aí o ponto de revolta da área rural.